



# O PLANETA ACORDOU

NUNO R.

# O PLANETA ACORDOU

Texto de Nuno R.

[vaalb.org](http://vaalb.org)

[Perfil no Goodreads](#)

Capa de Rui A.

a partir de imagem de uso livre de: [Alexander Andrews](#)

Microconto originalmente publicado no [Instagram](#).

Primeiro conto da série Microcontos da Via Láctea.

## #1 MANCHA

O rapaz invisível estava aborrecido. Comia amoras ao fim da tarde. Olhava para as manchas na camisola. Ia limpando as mãos à barriga. Não trazia mais nada vestido. Ao longe, via-se apenas um pano, suspenso.

Escurecia na floresta. O pôr-do-sol era apenas uma sugestão. Cores quentes a espalhar-se, como num sonho fugaz. O pano suspenso ia também escurecendo. Uma mancha cor de amora crescia, junto a um arbusto.

Escutam-se gargalhadas, passos de gente a espalhar folhas secas. São as filhas do Embaixador. Todas as tardes de Verão passeiam ali, onde acaba o terreno do diplomata. Este é um planeta quase inabitado. Julga-se.

Uma procura o canto costuma haver amoras, traz um cesto. É no entanto a irmã que reconhece o sítio. Distraídas, avançam para o prémio. Ao chegar encontram no chão uma camisola velha, manchada. Sangue?

Decidem que aquilo deve ser apenas um trapo. Alguém limpou a boca gulosa depois de comer as bagas. Assustadas, percebem que há mais alguém no bosque mas não vêm as efémeras pegadas que se afastam.

## #2 LUZ

O jardineiro era um colecionador. Numa das estufas tinha centenas de frascos. Ali guardava luz. Dentro de cada vidro cintilava um instante. Ao longo de décadas tinha observado as variações, os humores do planeta.

Lia e relia as etiquetas, com prazer: “nuvem incandescente”, “crepúsculo”, “depois da chuva”, “primeira aurora”, “verão frio”, “três luas cheias”, “relâmpago no mar”, “sol no charco”, “reflexo no olhar”, “fogo distante”.

Mais que um tesouro, cada luz era um pedaço de infinito irrepitível. Com tristeza, iria ter de escolher um frasco e abri-lo. O Embaixador faria anos dentro de uma semana. As suas filhas tinham uma prenda especial.

Ali na mesa da estufa estava a flor. Era uma Lucífera. A mais rara das flores da galáxia, abria as pétalas uma única vez, quando exposta à luz. Durante um ano, cintilava com os tons e a força da luz que a despertou.

As raparigas teriam depois um ano para escolher outra extravagância como prenda de luxo. Para já, este presente iria roubar o jardineiro de um pouco da sua felicidade. Nas mãos segurava o frasco que escolheu.

O embaixador era imprevisível, mesmo perigoso. Para evitar interpretações erradas, a luz que escolheu era simples, radiante e grandiosa. “Cometa na cascata”. Era a luz do astro refletida numa queda de água.

Homens poderosos, pensou o pobre jardineiro, são como esta flor. Brilham intensamente. E esgotam os recursos, pela vaidade de serem notáveis. A flor, na verdade, estava ainda guardada numa caixa opaca.

No dia do aniversário, as filhas do embaixador quiseram ser as primeiras. Um servo trouxe a caixa e pousou-a aos pés do diplomata. Vieram as moças com o frasco de luz. Uma levantou a caixa, outra abriu o frasco. Nada.

## #3 NÉVOA

No grande vale o rio é espesso. Chamam-lhe Nébula, os Invisíveis. Este povo não se vê e não se escuta. Os seus barcos flutuam na nuvem. Fazem das encostas margens. Os remos mexem-se, como por magia.

Os soldados consulares conhecem o rio, mas não o nome. Usam a magia dos barcos, eternos vaivéns num percurso imaterial. Suspeitam que há mais história a contar, magia não. Ali estão dois, pela primeira vez.

Os Invisíveis são seres curiosos. Querem saber quem é esta gente que veio dos céus mas desconhece barcos. Os dois humanos que embarcam fazem sons ao mexer a boca. Têm roupa, armas, medo. Olham para o vale nublado. Tremem.

O grande remo desta gôndola começa a mexer e os rapazes seguram-se à madeira. Sabem que as armas ali são inúteis. Não se olham, envergonhados da sua cobardia. Sentem-se cúmplices. Em várias direções, outras gôndolas.

Ao chegar-se ao meio do Rio Nébula, não se vê margem, nem montanhas. Os dois soldados não sabem que o gondoleiro os observa, preocupado. Há um peixe que se chama Medo, porque o consegue cheirar. E que às vezes ataca barcos.

O Invisível para de remar. Um dos soldados mexe muito os braços e abre a boca fazendo muito barulho, em pânico. Isto é perigoso. O invisível decide que este é momento de quebrar tabus. Há que proteger a gôndola do medo.

Avança desde a proa, fazendo a gôndola balançar ainda mais. E com firmeza segura os braços do soldado. Quer tranquilizá-lo, dar-lhe alguma coragem. Mas tudo piora. E um imenso peixe abocanha metade da gôndola.

## #4 ÁGUA

Os Aquoides não se costumam juntar em grupos tão grandes. Mas este é o segundo corpo de um Invisível a cair no mar proibido. Quem se atreverá a profanar com a morte estas águas, interditas à vida terrestre? Silêncio.

O corpo bípede torna-se visível. As microalgas luminescentes revelam-no. Ao vê-lo assim, fosforescente, a ser cuidado pela curiosidade dos Aquoides, ninguém imaginaria que aquele corpo, em condições normais, é invisível.

No mar proibido, há centenas de anos que os cientistas Aquoides estudam a invisibilidade. Daí o acordo com o povo que não se vê. Longe da vista enquanto o coração desentende. Como punir a transgressão dos cadáveres?

Em silêncio, pois este é o povo que não fala, decide-se enviar mensagem. Irá demorar a chegar aos Invisíveis. Os dois povos vivem longe. Um Aquoide irá até à cidade das medusas. Uma medusa lançará esporos com código.

Os esporos irão espalhar-se conforme capricho de marés e vento. Finalmente serão interceptados pelos cetáceos em migração. Estes, cantando, traduzirão o que os esporos continham. Outros mamíferos conhecem a língua cetácea.

Com o tempo, grandes cetáceos flutuantes, os maiores seres vivos do planeta, levarão até ao Grande Vale a canção. E os Invisíveis entenderão, ao menos, que ali chegou uma mensagem. Irão, como sempre, procurar o mensageiro.

## #5 SEIVA

As árvores do planeta observam com paciência a agitação de todos os animais. Falam com o sol, com a água e o húmus, com os minerais. Estão entre a vida e o resto da matéria. Existem fora do tempo.

Recentemente, viram os estranhos que desceram de naves espaciais. São pouco cuidadosos com a vida. Cortam e arrancam e pisam. Sujam. São desatentos e pouco curiosos. Ainda devem pensar que estão sós.

Pela floresta os ursos avançam com uma mensagem vinda do mar. Arranham a casca das árvores, cheiram o ar, grunhem e seguem. Sobem na direção do Rio Nébulas. Até os pássaros os acompanham.

Todas as árvores conversam com o planeta inteiro. Cada reflexo de luz, cada semente levada pelo vento, cada gota de água ou pedaço de húmus é seiva do mesmo circuito vivo. Algo acontecerá.

## #6 AR

O rapaz invisível está inquieto. Desce o rio num pequeno bote. Sabe que os de fora só vêm a embarcação. Há uma agitação no ar. Tudo parece vivo demais. Até as pedras, as nuvens. Mas ele tem uma missão.

Terá de chegar ao Delta. Ali, conta encontrar os Aquoides. Ainda navega na nébula que é o rio. Mas chegará ao domínio líquido a que não pertence. Vai porque foram os do mar que chamaram. Porquê.

E que energia é esta, a desordenar o vento, a mudar as cores do sol. O planeta todo está em mudança, é como se quisesse falar. Ou talvez diga já algo importante, e ele é que não entende tanto como queria.

Enquanto leva os ouvidos de todos os Invisíveis para escutar o que os Aquoides vão dizer, o planeta de facto fala. Decidiu, por conselho das árvores, mudar o ar, a vida. O bote atravessa agora o fiorde.

O rapaz enche-se da beleza daquele vale. Há uma entrada na rocha que no inverno estaria tapada de gelo. Durante quilómetros avançará no escuro, até chegar ao outro lado. O oculto Delta Proibido espera-o.

A estreita passagem está iluminada. É mais fácil ver o caminho, mas a fonte de luz é um mistério. Não pode saber que na água as microalgas começaram já o que todas as plantas farão a seguir também. Mudar o ar.



## #7 ODOR

O embaixador acordou alarmado. Antes que escutasse os gritos, faltou-lhe o ar. Os pulmões ardiavam e durante uns instantes pensou que ainda sonhava. Veio um soldado com a máscara e o oxigénio arrefeceu-lhe os pulmões.

Queria gritar também. Dar ordens, ser um farol de ordem e poder. O medo, no entanto, paralisou-o. Só a aflição de não saber das suas filhas quebrou o torpor. Correu até ao quarto das gémeas. Encontrou-as pelo caminho.

O diplomata-mor do exoplaneta c35xf sentiu-se humilhado. Já tudo tinha sido decidido. O exóbiólogo dera o alarme. A atmosfera ia ficando cada vez mais venenosa. Não havia tempo a perder. O poder esvaiu-se de vez.

Tão respirável tinha sido o planeta que as únicas reservas de oxigénio estavam nos tanques da nave espacial. Ficar estava fora de questão. Os guardas consulares escoltavam-no a ele e às filhas. Era um adeus apressado.

As raparigas estavam desconsoladas. Durante meses atormentaram-no com a saudade dos amigos. Mas agora que eram forçadas a partir, choravam. Olharam as duas para trás, sem ver a melancolia do rapaz invisível.